

ACERVO DE MÚLTIPLAS VOZES: NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS COM ARTE E EDUCAÇÃO (VOL. 2)

ISBN: 978-65-88640-72-2

DOI USP: 10.11606/9786588640722

Sumaya Mattar (Organizadora)

Comissão de publicação: Beatriz Camargo Martins, Estefano Fideles da Rocha, Guilherme Nakashato, Leandro de Oliva Costa Penha, Leticia Santos de Moraes, Livia Pace Liu, Luana Lorena Sato, Mirella Malagrine Basti e Sumaya Mattar

Projeto gráfico: Luana Lorena Sato

A capa deste volume e as ilustrações do miolo foram elaboradas a partir da obra "Mandacaru Vermelho", de Estefano Fideles da Rocha

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-Reitora: Prof^a Dr^a Maria Arminda do Nascimento Arruda

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

Diretora: Prof^a Dr^a. Brasilina Passarelli

Vice-Diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Flor do mandacaru

Sumaya Mattar¹

É certo que, como educadores democráticos, temos que trabalhar para encontrar formas de ensinar e compartilhar conhecimento de maneira a não reforçar as estruturas de dominação existentes (hierarquias de raça, gênero, classe e religião).

bell hooks

1. Professora da Graduação e da Pós-Graduação em Artes Visuais da ECA/USP e do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da FFLCH/USP. Líder do GMEPAE - Grupo Multidisciplinar de Estudo e Pesquisa em Arte e Educação.

Um belíssimo mandacaru de autoria de Estefano Fideles da Rocha estampa a capa deste livro, nos remetendo à famosa canção em que Luiz Gonzaga anuncia que, na seca, quando o mandacaru floresce, "é um sinal de que a chuva chega no sertão".

O mandacaru de Estefano arde sob o sol forte, mas não sucumbe à solidão, à falta de água e ao calor extremo; muito pelo contrário, retira do próprio meio inóspito a força para viver - e brilha muito forte com seu vigor magistral - anunciando o porvir, sem, contudo, deixar-nos esquecer que ele, o porvir, é gestado na luta e na resistência.

Do mesmo modo que parece improvável que, em meio à mais dura seca, um cacto chegue a tão grandes dimensões, floresça, dê frutos que alimentem o gado e, ainda, anuncie o tempo vindouro, assim nos encontramos em nossos espaços acadêmicos, como alerta bell hooks, na epígrafe deste texto, no que tange à nossa capacidade de acolher a diversidade e de garantir um espaço seguro para a expressão da multiplicidade dos modos de ser, fazer e conhecer.

Trata-se de uma problemática que urge ser enfrentada em todas as áreas, sobretudo, na formação inicial de educadores, artistas e pesquisadores em arte, dada a forte vinculação deste campo com diretrizes reguladoras predominantemente brancas e masculinas, extremamente reducionistas e excludentes, determinadas pela cultura ocidental, na qual o poder central na arte (mesmo para os artistas brancos) é sabidamente exercido especialmente por três instituições que estão interligadas: "os negociantes, os leiloeiros e os colecionadores"; "as diretorias dos museus e das galerias públicas e, por trás delas, os burocratas dos fundos públicos"; e "os historiadores de arte acadêmicos, os editores e (como companheiros mais novos) os críticos." (GALKELL apud BURKE, 1992, p. 239-240).

Ora, se tal situação ocorre independentemente das características étnico-raciais e socioeconômicas dos artistas, não há dúvidas de que a situação se agrava significativamente quando se trata de artistas de ascendência africana, indígena ou pertencentes às camadas populares, já que, com poucas exceções, devido às desigualdades sociais que afetam com mais contundência esses grupos, suas oportunidades de acesso à arte são muito mais restritas.

O que fazer, então? Continuar a repetir ideias, práticas e teorias inócuas, que não ajudam os estudantes a lidarem com a complexidade da arte no mundo contemporâneo, balizando sua atuação em representações anacrônicas de arte e de artista, que pouca ou nenhuma relação tem com o mundo real, fechando os olhos para as múltiplas formas de expressão e para manifestações que não se enquadram em tais escopos, o que, em outras palavras, significa conduzi-los a uma vida profissional ausente de signi-

ficados, ou buscar perspectivas de formação que incluam a diversidade e a pluralidade?

Não há dúvida de que, com o vibrante mandacaru de Estefano que estampa a capa desta obra coletiva, convidando o leitor a percorrer suas páginas, esta publicação é, além de uma afirmação, a confirmação de que é possível propor caminhos de formação que dialoguem com as questões do mundo contemporâneo, que, além de complexo, diverso e plural, é injusto e desigual e grita por transformações reais, como afirmam as palavras de Anna Carolina Nogueira de Araújo, Beatriz Camargo Martins, Elio Buoso Cones e Livia Pace Liu, ao final do texto que, juntos, escreveram para esta coletânea:

Os corpos resistem e mostram como estão submetidos a ações políticas, econômicas e sociais. É fundamental criar campos discursivos de ação, engajar-se politicamente e imaginar realidades e modos de habitar o mundo, fazendo emergir novas formas de experimentos com a vida. Para termos consciência de quem somos, precisamos da memória, da mudança. Precisamos gritar, ocupando alguns espaços e destruindo outros. Nossa história ainda está por ser escrita, e somos nós que a escreveremos.

Assim como Anna Carolina, Beatriz, Elio e Livia, os autores e autoras desta coletânea são estudantes de graduação em Artes Visuais do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, que cursaram a disciplina "História do Ensino da Arte no Brasil: trajetória política e conceitual e questões contemporâneas", no primeiro semestre de 2021, quando, em meio ao distanciamento social provocado pela Covid-19, todas as aulas e demais atividades acadêmicas foram oferecidas de forma remota, uma situação que representou um grande desafio ao trabalho pedagógico.

A formação proposta no âmbito desta disciplina é uma das ações previstas no projeto de pesquisa "Acervo de múltiplas vozes: registro, preservação e disseminação de narrativas de experiências com arte e educação", que visa, antes de tudo, deixar menos árido o terreno da formação de educadores, artistas e pesquisadores, tornando-o mais inclusivo e conectado com o nosso tempo.

Com a pesquisa, queremos contribuir para a problematização e o redimensionamento do conceito de ensino e de aprendizagem da arte e alimentar ações artísticas, culturais, científicas e educativas que incluam a diversidade de códigos estéticos e formas de expressão e aprendizagem a partir da experiência vivida e do tempo presente, por isso fazemos uso da metodologia da História Oral para coletar, preservar e disseminar narrati-

vas de pessoas cujas vozes, de modo geral, não fazem parte das narrativas históricas já sistematizadas, tampouco adentram os espaços da academia; ao mesmo tempo, queremos operar diretamente no processo de formação inicial de professores e artistas.

Desde 2018, quando o formato atual de trabalho teve início, houve cinco oferecimentos da disciplina (2018, 2019, 2020, 2021 e 2022), e a repetição é muito bem-vinda, pois tem nos permitido, em conjunto com os estudantes, aprimorar continuamente a proposta pedagógica e os métodos empregados nas aulas.

Ao longo do curso, individualmente ou em grupos, os estudantes realizam entrevistas com pessoas cujo universo temático e as experiências de vida oferecem contribuições à reflexão sobre modos de ensinar e de aprender arte não circunscritos ao que é propalado e reproduzido nos cursos superiores de arte, de tal sorte que é fundamental que eles façam um movimento intencional em direção a essas pessoas, entrando em contato com seus ricos conhecimentos, que, de outro modo, permanecerão inacessíveis; contudo, para que as entrevistas sejam realizadas, é necessário que, antes, se dê um intenso processo de preparação, pois não se trata apenas de os estudantes fazerem entrevistas a partir de uma determinada técnica, no caso, a História Oral, mas sim de compreenderem, de forma aprofundada, pela experiência, a complexidade de se trabalhar com arte e educação em um mundo marcado pela exclusão de pessoas e grupos sociais e refletirem sobre o seu papel social enquanto educadores, artistas e pesquisadores.

Neste sentido, em uma primeira fase do trabalho, trabalhamos com as memórias dos próprios estudantes, com base no conceito de “objeto biográfico”, de Ecléa Bosi (2003), quando as histórias pessoais começam a emergir e, com ele, dá-se o primeiro reconhecimento da diversidade étnica e cultural existente entre os estudantes.

Em seguida, começamos a refletir sobre a arte e a educação no panorama atual, de onde advêm questões urgentes que estão em circulação, às quais não podemos ficar alheios. Assim entramos nas teorias pós-colonialistas e antirracistas e na abordagem da História Oral propriamente dita.

Na fase seguinte, os estudantes escolhem uma pessoa para entrevistar, dando início ao estudo da temática específica extraída do seu universo e à preparação da entrevista. Após a realização das entrevistas, que, no caso da turma de 2021, foram realizadas de forma remota, o material é transcrito e analisado e dá origem a um vídeo ou a um *podcast*, que é apresentado para a turma, servindo de convite para o debate e a discussão das temáticas envolvidas nas entrevistas.

O trabalho prossegue com a escrita de um capítulo para o livro da turma, preparado pelos próprios estudantes e publicado no Portal de Livros Abertos da USP, como este, que é o segundo da série que foi lançada em 2021.²

Os ricos e diversificados materiais gerados nos cinco oferecimentos da disciplina já estão disponibilizados no Portal do GMEPAE - Grupo Multidisciplinar de Estudo e Pesquisa em Arte e Educação, mais especificamente no acervo digital “Acervo de múltiplas vozes: narrativas de experiências com arte e educação”³, inaugurado em maio de 2022, para que pesquisadores, estudantes, professores de arte e o público em geral possam ter amplo acesso às fontes primárias representadas pelas experiências dos entrevistados - e a partir de suas próprias vozes, alimentando e inspirando estudos, pesquisas, organização de currículos e publicações, planejamento de ações culturais e educativas, formação de professores, entre outras ações urgentes e necessárias, que contemplem a multiplicidade de códigos, formas de expressão e modos de fazer e aprender arte, em uma perspectiva democrática, inclusiva e emancipatória.

A turma que fez parte do oferecimento da disciplina de 2021 foi composta por vinte e quatro estudantes e dois educadores pesquisadores do GMEPAE, o professor Guilherme Nakashato, do Instituto Federal de São Paulo, que acompanha a disciplina desde a sua criação, e Leandro de Oliveira Costa Penha, doutorando do PPGAV, que faz parte da pesquisa “Acervo de múltiplas vozes” e, à época, era estagiário do PAE - Programa de Aperfeiçoamento de Ensino. Juntos, planejamos, organizamos e desenvolvemos as aulas e acompanhamos os estudantes do começo ao final do intenso e trabalhoso processo formativo.

Dentre as temáticas que foram trabalhadas pelos estudantes pesquisadores, que resultaram nos textos deste livro, estão: histórias de família; gênero e diversidade; migração; arte, cultura e educação nas periferias; educação especial; educação de jovens e adultos; universo artesanal; educação na pandemia; pessoas indígenas em contexto urbano; artistas contemporâneos afrodescendentes e a situação das infâncias na contemporaneidade. Trata-se de temáticas que tangenciam as próprias histórias de vida dos estudantes, possibilitando o conhecimento de si e dos outros e a relação das histórias pessoais com a história social.

Neste sentido, tendo as entrevistas como principal fonte de conhecimento, diversas questões contemporâneas são discutidas e problematizadas ao longo dos quatorze textos, em que, com poucas exceções, os autores e as autoras optam por preservar as falas das pessoas entrevistadas sem correções (gramaticais ou de outro tipo), garantindo que o universo de cada uma delas se revele não apenas pelos conteúdos, senão também pela maneira como os expressam.

No ensaio que abre a coletânea, intitulado “Mas ela era bonita?”, Isabelle Rosa dos Anjos desenvolve uma reflexão sobre o racismo estrutural,

2. Ver o volume 01 da série em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/668>

3. <https://gmepae.com.br/acervo-multiplas-vozes/entrevistas/>

buscando desconstruir sua lógica perversa. Para tanto, parte da entrevista realizada com sua avó, Olíria Rosa Honório, que nos faz refletir, com revolta, sobre as situações desumanas às quais pessoas negras e indígenas foram e continuam sendo submetidas. Os contrastes das mãos da neta e da avó são o mote para Isabele colocar em perspectiva histórica a prevalência do racismo, ao mesmo tempo que reflete sobre sua própria condição de estudante.

"A nossa história tá no nosso corpo. E é perguntar pra ele, como reescrevê-la. E é isso." Com esta sábia frase de sua avó, Miriam Leirias, Lia Morena Leirias Barbosa Correia Furquim conclui seu texto "História de raízes, histórias de si", no qual desenvolve reflexões sobre as conexões das memórias que emergem do universo íntimo e particular de sua avó com a história social brasileira, de raízes colonialistas. Dialogando também com a obra de Aline Motta, Lia traça perspectivas sensíveis e pungentes para interpretar as questões que vêm à tona na entrevista, as quais revelam a triste história de um Brasil profundo, marcado por injustiças e desigualdades.

Em "Peregrinos brasileiros: a jornada dos migrantes nordestinos que construíram São Paulo", William Peçanha de Lima, com base na entrevista realizada com sua tia, Antonia Soares da Silva, desenvolve uma reflexão crítica sobre a história da migração nordestina em São Paulo, destacando as terríveis dificuldades e as árduas condições que os migrantes tiveram que enfrentar para atravessar o país e se estabelecer na cidade que ajudaram a construir e transformar. "São Paulo era uma espécie de terra prometida, o lugar em que o pobre poderia finalmente ver os seus esforços recompensados. Hoje, a presença nordestina pode ser notada em praticamente toda a cidade de São Paulo, mas, por muito tempo, eles tiveram que lidar com preconceitos diversos, como xenofobia, racismo e também o preconceito de classe". Sua pesquisa ofereceu a William a oportunidade de se reconhecer na história da sua família. "Depois de realizar esta entrevista e estudar sobre o assunto, entendo um pouco mais sobre o que é ser um paulista filho de um nordestino. Entendo a significância da jornada que os migrantes empreenderam até chegar aqui."

"Parece que olhar para as fotos é um pouco sem relatos, olhar para essas fotos é um pouco mudo. É sobre ir em silêncio atrás dessa caixa de fotos pra ver se eu encontrava alguma coisa sobre a qual ninguém falava", diz Gabriela I. Montilha a Luana Lorena Saito, na entrevista que resultou no belo ensaio "No silêncio do olhar". As fotos que o compõem, bem como suas respectivas histórias, foram apresentadas à Luana por Gabriela, nas muitas ocasiões em que as duas conversaram. Luana captura o mistério e a beleza contidos nas cenas em preto e branco, nas quais tia Ísis aparece, e constrói, com enorme delicadeza, uma sensível narrativa que desvela algumas das questões com as quais ela certamente teve de lidar em sua vida.

"Trajetória de mulheres negras nos campos da educação e do arte-

sanato", de Mirella Malagrine Basti, focaliza o trabalho artesanal no mundo contemporâneo, a partir da história de vida das irmãs Elvira Rodrigues de Brito e Marisa Rodrigues Brito, cuja produção é voltada para a valorização da mulher negra. A entrevista ofereceu um rico material para Mirella refletir e escrever sobre as raízes históricas e as implicações políticas do racismo, ao mesmo tempo que ela reflete sobre o colorismo e a necessidade de aceitação do corpo negro: "(...) a identificação de si mesmas como mulheres pretas, reconhecendo sua posição na sociedade, é de extrema importância política e, principalmente, de luta contra o apagamento histórico de suas origens. A partir do momento em que esse reconhecimento é feito já há um grande avanço, pois a identidade da população do país foi construída com base na negação, e a autodeclaração é o primeiro passo para a construção de um amor-próprio baseado em seus traços e origem".

Em "Um pé aqui, o coração lá - experiências de uma mulher indígena no contexto urbano", Nikita Guarani Nhandeva, mulher indígena, militante e educadora, relata parte de sua história repleta de desafios. Questões relevantes sobre a situação indígena no Brasil são abordadas em sua narrativa. Ao final, Naomi tece importantes considerações sobre o seu processo de aprendizagem: "Percebo agora que, ser educadora da arte é ser agente de um programa de luta e resistência por uma educação democrática."

No texto seguinte, "Como ser um rio e uma dinamite?", Guilherme Ferreira de Oliveira, Helena Castelo Zilbersztejn e Luana Lorena Sato focalizam o tema da migração, do qual partem para realizar a entrevista com Ludmila Lee Castillo, nascida em Cuba e refugiada no Brasil há sete anos, com vasta trajetória no campo da arte-educação. "Como um rio", que "recebe as águas das mais distintas proveniências e as acolhe sem resistência", e como "uma dinamite", cujas "ações nos campos da arte e da educação visavam uma reflexão aprofundada sobre as estruturas de poder que configuram a sociedade, em especial a sociedade cubana que lhe diz respeito diretamente". Articulando estas duas imagens, o grupo de autores problematiza as complexas questões migratórias na contemporaneidade, destacando alguns dos assuntos que emergiram durante a entrevista, e apresenta o universo ético-estético-político-pedagógico-cultural da entrevistada, do qual fazem parte, entre outros autores, os brasileiros Paulo Freire e Augusto Boal.

"Escutando Moisés Patrício" apresenta a íntegra da transcrição da entrevista realizada com o artista visual e arte-educador paulistano, licenciado pelo CAP/ECA/USP. Com base na entrevista e nos estudos decoloniais latino-americanos, Estefano Fideles da Rocha desenvolve reflexões críticas e propositivas sobre o racismo e alerta para o apagamento a que são relegadas as culturas de matrizes africana e indígena nos currículos acadêmicos: "Precisamos refletir sobre o quanto estamos preparados para o reconhecimento e inclusão no ambiente acadêmico de mestres, professores e arte-educadores pertencentes a outras tradições e sobre o quanto

estamos dispostos a assumirmos dentro das universidades uma atitude de desierarquização epistêmica que propicie o fluxo dos múltiplos conhecimentos concebidos por uma sociedade complexa e plural, sob o risco de seguirmos chamando de inclusão a mera inserção dos corpos negros nesses espaços”.

“Chão periférico: reconhecimento e pertencimento do/ao território através das artes”, de Larissa da Cruz Varizi, Nicolle Clara Firmino Nascimento, Raissa Silva Costa, Terenah Penhas de Lima Stefani e Thais Yukari Suguiyama, trata das dificuldades enfrentadas para se produzirem processos artísticos e educativos nos territórios periféricos. As autoras partem da entrevista que realizaram com os artistas e educadores Eder dos Anjos e César Kcha, quando eles narraram suas experiências com arte, cultura e educação, especialmente, no município de Jandira, e apresentaram seus processos de criação e suas trajetórias de vida, profundamente marcadas pelo engajamento político. A experiência possibilitou às autoras o reconhecimento da riqueza “(...) do trabalho de coletivos que atuam dentro de suas comunidades a partir de uma lógica do pertencimento a esses territórios” e do quanto esse reconhecimento “é essencial para o entendimento da cultura e, portanto, para a formação de arte/educadores”.

Anna Carolina Nogueira de Araújo, Beatriz Camargo Martins, Elio Buoso Cones e Lívia Pace Liu colocam em questão o papel do ensino institucional nos debates sobre gênero e sexualidade no texto “A Escola por Olhares Dissidentes: a experiência LGBTQIA+ no ensino institucional”, e afirmam a necessidade de busca por proposições que possam tornar os espaços mais acolhedores tanto para docentes quanto para discentes LGBTQIA+. As reflexões partiram da entrevista realizada com T. Angel, durante a qual a educadora discorreu sobre a experiência de pessoas LGBTQIA+ na Educação Básica, analisando o modo como as escolas se estruturam e como isso reflete na vivência de corpos dissidentes. A entrevista com T. Angel e a pesquisa propiciaram ao grupo “(...) encontrar alguns caminhos para atuar no ambiente escolar e torná-lo um lugar acolhedor e confortável, fortalecendo redes de apoio tanto em relação aos alunos quanto aos professores”.

Em “Educação especial: práticas pedagógicas junto a uma estudante com surdocegueira”, Letícia Brasil Freitas reflete sobre práticas pedagógicas, em especial as que envolvem atividades artísticas, na escolarização de estudantes com surdocegueira, tendo como base a entrevista com Gláucia Adriana Simões Almeida, guia-intérprete de uma aluna surdocega em uma escola da rede municipal de ensino de São Paulo. Na entrevista, a professora apresenta importantes informações sobre a educação especial, assim como possibilidades de trabalho com estudantes surdoscegos. O texto discorre sobre as características específicas da surdocegueira e contextualiza a educação especial no cenário contemporâneo, articulando conceitos

como educação especial, educação inclusiva e deficiência. A experiência propiciou uma importante experiência de aprendizagem para Leticia: "(...) a pesquisa que trouxe conhecimentos em uma escala de concretude e singularidade que não seriam obtidos da mesma forma por fontes mais tradicionais e acadêmicas. (...) E o que se observa é que a base da educação especial está no olhar sobre a especificidade, no respeito às características de cada estudante, no reconhecimento de que os objetivos e seus tempos são diversos."

"Adultocentrismo: um olhar sobre a infância", de Marcelo Ricci, analisa a situação da criança e da infância na malha social contemporânea e sua condição de alteridade imposta pela perspectiva adultocêntrica. "A ameaça que se repete hoje é enxergar a criança como um adulto incompleto e inacabado – é medi-la pela régua do ser humano adulto, a ela atribuir um trabalho e dela exigir produtividade", escreve, estabelecendo o foco de suas reflexões, para as quais toma como base os dados recolhidos em entrevistas realizadas com crianças entre 9 e 11 anos de idade, durante o período de isolamento social, em que elas foram convidadas a discorrer sobre sua realidade e suas fantasias. Para entrevistá-las e compreender como pensam, Marcelo apresentou-lhes questões e proposições cuidadosamente preparadas, o que gerou um rico e genuíno material, que, ao lado das ricas referências teóricas, permitiu-lhe tecer reflexões aprofundadas sobre as infâncias no mundo atual.

Os últimos textos desta coletânea são dos dois educadores que contribuíram diretamente com os percursos formativos dos estudantes na disciplina "História do Ensino da Arte no Brasil: trajetória política e conceitual e questões contemporâneas": Guilherme Nakashato e Leandro de Oliva Costa Penha. Em "Reflexões sobre a história do ensino da arte na formação do arte/educador ou Do tecido vivo de nossas histórias narradas", Guilherme discute a importância de os futuros professores partirem de suas histórias pessoais para, então, conhecerem a história dos contextos de lutas e as conquistas dos arte/educadores brasileiros. Leandro, por sua vez, no texto "Estágio em História do Ensino de Arte no Brasil: caminhos para uma universidade aberta e plural", apresenta sua experiência como estagiário do PAE⁴ e reflete sobre o quanto a proposta desenvolvida na disciplina representa um caminho fértil para a ultrapassagem dos discursos e das práticas hegemônicas na arte e na educação, ao propor que docentes e estudantes olhem conjuntamente para "a história que está sendo construída a cada dia", e percebam que ela é feita de "vozes e narrativas plurais."

Este breve resumo dos textos que compõem este livro, obviamente, não é suficiente para o leitor compreender que cada palavra neles contidas

4. Programa de Aperfeiçoamento de Ensino, da Universidade de São Paulo. Trata-se de um programa de estágio de docência no ensino superior para mestrandos e doutorandos para acompanharem, por um semestre, um professor em aulas de disciplinas de graduação.

advém de uma genuína experiência de aprendizagem de seus autores e autoras, que, para escrevê-los, passaram por uma intensa e complexa jornada de aprendizagem, que envolveu, além de muito estudo e pesquisa, suas histórias pessoais e as histórias das pessoas entrevistadas, entrelaçadas à história social, em que se incluem todos os temas urgentes em circulação no panorama contemporâneo, corajosamente enfrentados pelos autores e autoras desta publicação.

Ainda não sabemos, e talvez jamais saberemos, qual o alcance desta experiência para a vida de todas as pessoas nela envolvidas, tampouco todos os seus desdobramentos para a formação e a profissionalização dos estudantes, mas temos certeza de que - mesmo com os nossos pés ainda pisando em solo árido - os conhecimentos que construímos coletivamente, a partir da nossa experiência viva e encarnada, são muito sólidos e férteis, já que estão conectados ao tempo presente e são frutos do trabalho intencionalmente engajado de muitas pessoas e entre muitas pessoas.

O que aprendemos juntos enraizou-se, é certo, e já é parte da nossa memória e história, e, portanto, da nossa contínua autoconstrução como educadores, artistas e pesquisadores. Agora, mais conscientes de nossa atuação em um mundo complexo, diverso e plural, podemos, a exemplo do forte e belo mandacaru, anunciar o **porvir**:

Referências

BOSI, E. (2003). **O tempo vivo da memória: Ensaios de Psicologia Social**. Ateliê Editorial.

GASKELL, I. (1992). "História das imagens" apud BURKE, P. (1992) (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. UNESP, p. 237-271.

HOOKS, bell. (2019). "Educação democrática" apud MARIANO, A. [et. al.]. (2019). **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. Boitempo, p. 199-207.

KILOMBA, G. (2021). **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Cobogó.

MATTAR, S. (Org.). (2021) **Acervo de múltiplas vozes: narrativas de experiências com arte e educação**, Volume 1, ECA/USP.